

As Quatro Irmãs de Caio Fernando Abreu¹

Neumar Michaliszyn²

Resumo: Este artigo pretende analisar a crônica **As Quatro Irmãs (Psico-antropologia fake)** de Caio Fernando Abreu, na qual faz considerações a respeito dos quatro comportamentos arquetípicos do universo gay masculino e suas relações com o contexto social.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu – crônica – comportamento – homoafetividade – teoria social.

Abstract: This article intends to analyse Caio Fernando Abreu's chronicle **As Quatro Irmãs (Psico-antropologia fake)**, in which he considers the four archetypal behaviors of the queer universe and its relationship with the social context..

Keywords: Caio Fernando Abreu – chronicle – behavior – homoaffectivity – social theory.

Introdução

...o que interessa é a procura de um ato estético que possa poetizar o cotidiano. Entre o sublime e a perversão, entre o voyeurismo e a condenação pela sociedade, algo se perde, algo de sutil, talvez apenas o corpo, talvez apenas uma possibilidade humana. (Denílson Lopes)

Poderíamos dizer, nos apropriando livremente das reflexões de Claude Lévi-Strauss (2003), que existiriam pensamentos e pensadores quentes e pensamentos e pensadores frios: uns formulando teorias e

¹ Uma versão prévia deste trabalho, com o título **Microanálise Indicial da Psico-antropologia Fake de Caio Fernando Abreu ou Por uma Sociologia da Homoafetividade** foi apresentada como requisito final para a conclusão da disciplina Arte e História: interdisciplinaridade, do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Arte e Ensino das Artes da Faculdade de Artes do Paraná, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Zeloí Aparecida Martins dos Santos.

² Mestre em Letras – Linguística pela UFPR, atualmente cursa a Pós-graduação *Lato Sensu* em Arte e Ensino das Artes e a Licenciatura em Teatro na Faculdade de Artes do Paraná; transitando pelas Artes e pela Linguística, atualmente tem seu foco nos estudos interdisciplinares da homossexualidade. E-mail para contato: neumar.f@gmail.com.

interpretações incendiárias, questionadoras da ordem social e do pensamento, partindo em busca de um fora das estruturas, do mundo, da sociedade, dos códigos sociais e culturais em que estão colocados; outros formulando teorias apaziguadoras, harmonizadoras de contrários, buscando entender e explicar a ordem e sua reprodução, sem a perspectiva de um fora, de um além, de um devir em relação às estruturas, aos códigos sociais e culturais em que vivem. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008, p. 135)

Caio Fernando Abreu (doravante denominado Caio) é um desses pensadores quentes, cujas ideias são incendiárias; um dos melhores contistas do século XX, faz de sua condição homossexual tema constante das suas produções literárias, explicitando as regiões de sombra do comportamento humano. Biógrafo da emoção, Caio aborda a homoafetividade como experiências limite na sociedade ocidental pós-moderna, na qual os homossexuais seriam seres desterritorializados, “[...] desprezados ou mal vistos pela família, rejeitados e muitas vezes agredidos na escola, recusados e ameaçados de punição na Igreja, sem amparo legal ou institucional do Estado, a vivência homossexual seria possível pela construção de redes sociais alternativas, pela resistência e rebeldia cotidianas” (ALBUQUERQUE JUNIOR, p. 147) daqueles que são incapacitados para a reprodutibilidade da estrutura social hegemônica heteronormativa. Nômades sempre em busca de um território seguro para a construção de suas vivências, os homossexuais acabam por viver em espaços que Foucault (2001) chamou de heterotópicos, ou seja, lugares fora do lugar, lugares de vivência do fora da ordem.

Neste artigo, analisaremos a crônica *As quatro irmãs (Psicoantropologia fake)*, de Caio, na qual nos apresenta quatro perfis comportamentais arquetípicos do universo *gay* masculino. Tal análise terá como suporte as perspectivas da teoria *queer*³ e do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Caio,

Assim como os poetas Cazuzu e Renato Russo, que considero almas irmãs de Caio em matéria de destino e expressão artística, ele, o prosador, viu-se na contingência de ter mesclada a tarefa da criação com o drama da morte anunciada, drama num primeiro momento protagonizado exclusivamente pelos homossexuais, até então vivendo um

³ “O termo *queer* (LUGARINHO 2001, pp. 33-40), no sentido comum um palavrão (bicha), é resgatado num sentido anterior, como diferente, estranho, para incluir simpatizantes heterossexuais. É paralelo, como atitude política e teórica, ao interesse pelos transgêneros (incluindo aqui transformistas, travestis, transexuais e outras identidades entre o masculino e o feminino), pela bissexualidade e outras situações pós-identitárias como o *pomossexual* (fusão da palavra pós-modernidade com homossexualidade) e o *pós-gay*”. (LOPES, p. 381) A apropriação do termo pelos representantes da teoria *gay* e lésbica transformou o que era pejorativo em “termo positivo e em uma afirmação orgulhosa e definitiva da diferença”. (STAM, p. 289)

processo intenso de liberação em nível mundial e nacional. No final do século 20, a Aids vinculou-se à existência artística de maneira tão decisiva quanto tinha ocorrido com a tuberculose desde o início do século 19 até meados do 20 e também, em menor escala, com a própria sífilis.

Pode-se constatar facilmente que o discurso da Aids, em torno da Aids, pautado pela Aids, já estava presente na obra de Caio desde o início da epidemia, na primeira metade da década de 80. Diante da possibilidade de que ele mesmo viesse a se tornar vítima, tal como já ocorria a todo instante com tantos e tantos de seus amigos próximos e distantes, sua postura foi idêntica à de muitos no Brasil, cheia de contradições, idas e vindas, já que a epidemia colocava no centro do debate algo que havia começado a se tornar simples e que de repente ficara complicado de novo — a vivência da condição homossexual (bissexual?) masculina.

O leitor e a leitora de Caio sabem que em sua ficção ele nunca fugiu dessas questões, a um só tempo delicadas e brutais. Pelo contrário, estamos diante do autor de algumas obras-primas da literatura gay no Brasil, como os contos “Sargento Garcia” e “Aqueles Dois”, assim como a notável narrativa “Pela Noite”, a mais completa tradução literária em nossa ficção finissecular de uma típica noitada urbana em versão périplo-gay-pelos-bares-e-clubes-em-busca-de-sexo-amor. Poucas obras em nossa literatura gay expõem com tal clareza o paradoxo da questão homossexual, como questão simultaneamente lateral e central na constituição da subjetividade. (MORICONI, 2002, p. 13-4)

Todavia, o mais importante e interessante na crônica selecionada não é o processo criativo envolvido, tampouco seu caráter autobiográfico. Antes de mais nada é o fato de um texto divertido e despretensioso conter uma profunda crítica social implícita. O texto, escrito em agosto de 1991 e publicado só após sua morte em 1996, permanece atual e, fatalista e intuitivo como ele só. Caio afirma no próprio texto que os quatro perfis comportamentais dos quais fala são arquetípicos, eternos.

Desenvolvimento

É esse o contexto que tenho em mente ao escrever este texto preñado de generalizações e impressões sobre o universo *gay* masculino⁴. Este universo, para os não iniciados,

⁴ Tenho perfeita consciência que tais generalizações e impressões são perigosas, mas são também essenciais ao trabalho a que me proponho, já que só podem ser comprovadas empiricamente através de uma observação minuciosa. Assim, cumpro o que afirma Ginzburg (1989, p. 178) ao enunciar que [às vezes] é melhor “... assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes”. Além do mais, as generalizações e impressões estão mais do que justificadas pelo fato de que pretendo manter-me dentro do “imaginário” gay masculino, do qual o próprio texto *As quatro irmãs* está repleto.

numa primeira aproximação, obviamente, dependente do ambiente ao qual se foi pode provocar algumas percepções e impressões iniciais:

1. um choque inicial pelo estranhamento provocado por um lugar do qual se desconhece o padrão de funcionamento e a etiqueta comportamental;
2. de que tudo, aparentemente (?), é muito alegre, festivo, divertido; ou então, a impressão oposta, de algo fortemente underground — denotando os tons mais sombrios do comportamento humano;
3. de que os mais jovens são, quase na sua maioria, enlouquecidos e embriagados de prazer, enquanto os mais velhos aparentam um ar entediado;
4. de que naquele ambiente as pessoas são mais livres e não seguem regras muito rígidas de comportamento, o que torna o ambiente muito permissivo.

Claro está para mim que todas essas impressões têm muito pouco a ver com a realidade circundante pois, antes de mais nada, na maioria dos casos, é projeção dos pré-conceitos e limitações de quem adentra o submundo *gay* pela primeira vez. O tipo de julgamento feito, independentemente da orientação sexual de quem o faz, neste contexto específico, ajuda a criar e manter um rico imaginário de rótulos comportamentais. E é esse, justamente, o grande barato da crônica do Caio — ele trabalha com o óbvio desse imaginário.

À medida que há uma aproximação com as pessoas desse universo, caem por terra, pouco a pouco, todas as impressões iniciais e depara-se com seres humanos, em alguns casos, mais normais que aqueles que seguem o padrão heteronormativo. Percebe-se que as pessoas que fazem parte desse universo são, ao mesmo tempo, fortes e frágeis. A fragilidade deve-se ao fato de os gays apresentarem um comportamento mais visceral, com forte tendência a vivenciar tudo nos extremos: paixão, amor, ódio, desprezo, alegrias, tristezas e sexo. Também são mais fortes, pois são sobreviventes de uma hegemonia heteronormativa que vem sendo biossocialmente estruturada e reiterada há milhares de anos; esse “muro” provoca a marginalização da realidade homoafetiva⁵. Caem as impressões e às vezes, causa de grande perplexidade, há a percepção de que

⁵ Permanece uma questão em aberto neste ponto: os muros dessa realidade são erguidos por quem? Pela maioria heterossexual para que não possamos sair, ou por nós mesmos, para impedir que a heteronormatividade entre?

homo e heterossexuais não são tão diferentes assim, sob o ponto de vista comportamental.

O que fica indelevelmente marcado é o divertido imaginário *gay*, e de forma independente das impressões e conclusões às quais se tenha chegado anteriormente. Se tomarmos um distanciamento na observação do meio, veremos tomar relevo algumas condutas típicas do universo *gay* masculino: a “pintosa”, o “tranquilo”, o “enrustido” e o “que não sabe que é”. Esses quatro arquétipos comportamentais, que Caio aborda já de início em sua crônica⁶, fazem parte tanto do mundo real quanto do imaginário. Verifica-se que esses arquétipos são impregnados de brasilidade, pois o perfil *gay* estrangeiro (principalmente entre europeus e norte-americanos) diferencia-se por haver uma exacerbação das características masculinas, enquanto entre os brasileiros há uma tendência em associar ao homossexual de sexo masculino todo o universo feminino. Isso provoca uma espécie de cegueira no grupo hetero que, se prescindir da convivência, torna-se incapaz de reconhecer um *gay* que não se enquadre no perfil arquetípico do efeminado, sendo que os *gays* ditos “normais”, ou seja, aqueles que, segundo os heterossexuais, aparentam ser “homens”, os *gays* bem comportados de classe média e integrados à conservadora sociedade de consumo em que vivemos, provocam um estranhamento — quando não um choque, a partir do momento em que são reconhecidos na sua orientação sexual.

Todo esse contexto paradoxal do comportamento humano mostra que há um movimento social de retrocesso: o problema é que, com relação ao (pré-)julgamento que se faz do comportamento: a balança, ou pende muito para um lado, ou muito para o outro. Há a minha geração, filha da repressão militar, dos loucos 70s, de um retorno a uma moralidade rígida e de uma criação sob o jugo do medo, da censura e da ameaça — mas na qual nada disso foi muito fixado, aparecendo o efeito contrário; e a geração que está próxima à casa dos 20, na qual toda essa configuração repressiva se manifesta. E de uma forma bastante estranha! Essa nova geração é a geração da inocência e ingenuidades redivivas, é a geração que desconhece o mundo e seu funcionamento, é a geração que vive em permanente estado de êxtase com relação a qualquer novidade, ao mesmo tempo que foge desta! A maioria dos jovens de hoje, ou são preconceituosos e repressores, ou ingênuos, e seja qual for o modo de expressão, de qualquer forma é uma forma de alienação, sofrem o efeito da decadência forçada da mídia que tem como objetivo a massificação. Percebe-se um fenômeno preocupante — da geração que tem 40

⁶ “Reza não muito antiga lenda que homossexuais masculinos de qualquer idade ou nação — além de bofe, bicha, tia ou denominação similar — dividem-se em quatro grupos distintos. Seriam na verdade, sempre segundo a lenda, quatro irmãos que atendem por nomes femininos. A saber, e essa ordem arbitrária não implica cronologia nem preferência: Jacira, Telma, Irma e Irene”. (ABREU, 1996)

anos hoje, que é entediada e saudosista; para os que têm 30, viscerais, subversivos, ávidos de tudo e de todos; para os que têm 20, a ingenuidade cristalizada... Isso não é manifestação de diversidade ou heterogeneidade humanas: perdeu-se o compasso, a medida de formação do homem enquanto ser integral.

Tal atitude perante a realidade afeta tanto o mundo hetero como a homossexualidade toda. Isso manifesta-se mais claramente quando há um enfrentamento entre os mundos hetero e homossexual. Homossexuais são vistos como **exceções que confirmam a regra**, o detalhe ao qual não se está atento é que, na verdade, as exceções **invalidam a regra**, já que não é pequeno o número de exceções e não pode o comportamento homoafetivo ser visto como um “desvio” da norma, já que é um comportamento normal também entre outras espécies animais. Com os desenvolvimentos, no último século, da neurociência, da psicanálise e das ciências sociais, somados a uma maior visibilidade *gay*⁷, passou-se a uma melhor compreensão e aceitação das preferências sexuais alheias. Todavia, quanto maior a visibilidade do homem *gay*, maior a violência contra ele⁸. Vejamos como é que Caio expõe (ou omite) essas questões em sua crônica.

Caio freqüentava ambientes gays, como podemos atestar em depoimento de Mário Prata:

Quando ele esteve pela última vez em São Paulo convidou a mim e ao Reinaldo Esteves para uma esticada (depois do lançamento do livro dele) até um local gay chamado A Louca [sic]⁹. E foi n'A Louca que eu o vi pela última vez. Conversamos um pouco numa mesa, tomando cerveja. Depois teve um show da Laura Finokiaro com todas aquelas luzes. No meio da neblina, da fumaça e dos spots, vi o Caio sair do salão e passar por mim pela última vez, iluminado de azul e vermelho, com uma névoa de gelo seco em torno da sua cabeça. Sumiu como um anjo sem trombeta. Sabia que nunca mais o veria.

⁷ Graças a incidentes como a revolta de Stonewall — “marco da explosão do movimento *gay* dos anos 1960 [sic], da política de afirmação pública da homossexualidade e da formação de uma cultura *gay* de consumo” (NUNAN, 2003), bar de Nova York onde, em 1968, *gays*, lésbicas e travestis resistiram a uma incursão de rotina da polícia; somados a alguns crimes de ódio que colocaram definitivamente a homoafetividade na mídia brasileira (para maiores detalhes consultar a Introdução de GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000).

⁸ Em 2006, em um congresso GLBTT, promovido pelo Centro de Apoio à Diversidade Sexual (CADS), órgão da Prefeitura Municipal de São Paulo, foi enfatizada a questão da **visibilidade** *gay*. O questionamento referia-se às paradas *gays* de uma forma geral, pois no dia da parada, aparecem centenas de homens assumidamente *gays* que desaparecem “magicamente” assim que termina a Parada. O que provavelmente ocorre é uma “saída instantânea do armário” daqueles que não são assumidamente *gays* na vida cotidiana.

⁹ O nome correto da boate, situada na Rua Frei Caneca, é **A Loka**.

No segundo parágrafo da crônica, Caio nos apresenta o mais popular desses arquétipos:

Para começo de conversa, vamos à mais popular delas: a Jacira. Suficientemente conhecida, seja pelo personagem Jaci [sic] (que no romance Onde Andará Dulce Veiga?, de minha autoria, em dias de arco-íris recebe uma Oxumaré de frente e transforma-se na devastadora Jacira) ou pelos louváveis esforços do jornalista Eduardo Logullo em divulgá-la através da coluna Joyce Pascowitch, na Folha de São Paulo. Das quatro irmãs, Jacira é aquela que todo mundo sabe que é homossexual, e ela mesma – que refere-se [sic] a si própria, seja qual for seu nome, sempre no feminino – acha ótimo ser. A Jacira usa roupas e cores chamativas, fala alto em público, geralmente anda em grupos de amigas também jaciras como ela, todas exercendo o velho hábito de “fechar”. Como diria Antonio Bivar, é uma pintosa. Uma pintosa assumida, despudorada. Sempre foi bicha, adora ser bicha e, maniqueísta como ela só, continua achando que a humanidade divide-se entre bofes e bichas, categoria esta última na qual se inclui. Com orgulho. Super informada, embora não leia muito (existem Jaciras nigrinhas [sic], analfabetas), ela sempre sabe – de orelhada – tudo que está em cartaz na cidade. Fofocas de televisão são seu forte, principalmente aquelas que insinuam viperinas dubiedades sobre a sexualidade alheia. Ao entrar em qualquer ambiente, uma Jacira sempre é imediatamente notada. O que satisfaz seu principal, e talvez único objetivo na vida: aparecer. (ABREU, 1991)

Acrescenta, no decorrer da crônica algumas outras características das Jaciras, ao tratar dos outros três perfis: luminosas; engraçadas; não apenas aparentam, como são felicíssimas; escandalosas, pertencem ao grupo de pessoas que veio ao mundo para constranger; acreditam que todos os gays são, no fundo iguais a elas; assumidas, exibem explícita e orgulhosamente sua homossexualidade; adoram seduzir enrustidos, o que provoca a fuga deliberada destes; não nutrem qualquer simpatia pelas Irenes, e até mesmo invejam sua aparente prosperidade; têm o hábito de roubar namorados alheios; são inconvenientes, promíscuas, inabaláveis e intransmutáveis.

Esse perfil comportamental, da pintosa, da bicha louca (para utilizar a preconceituosa terminologia heterossexista) são os que mais sofrem com a violência urbana e o preconceito (pelo menos, mais visivelmente), pois são alvo de piadinhas machistas, cantadas toscas, gestos obscenos e são sexualmente abusadas pelos gays enrustidos¹⁰. A crítica de Caio Fernando que se pode inferir, a partir das características dadas, não é

¹⁰ Nos graus mais elevados de enrustimento, os homens não apenas afirmam que não são gays como criam mentiras convenientes para os amigos, dizendo que foram cantados pela bicha, quando o que aconteceu foi o contrário.

contra o comportamento da pintosa, mas sim contra a atitude social que se verifica em relação a seu comportamento.

No fim do século XIX, a sexualidade, como nos ensina Michel Foucault (1985), passa a se mostrar cada vez mais central na constituição do sujeito moderno, num processo de valorização da intimidade que já vinha se processando desde o romantismo. Essa centralidade da sexualidade na construção do sujeito moderno levou à proliferação de saberes que tratam da questão, como a psicologia, a psicanálise e a sexologia. Paralelamente à publicização do falar de si, que assumirá proporções nunca vistas na cultura de massa — como observamos pela quantidade de programas de tevê e de rádio, de sites na Internet centrados nos debates sobre sexualidade, não raramente levando a uma espetacularização do privado —, a intimidade passa a ser politizada.

É nesse sentido que devemos entender o surgimento dos movimentos feministas, gays, lésbicos e transgêneros politicamente organizados, com suas origens no Ocidente, no final do século XIX, e tendo seu momento de emergência, no Brasil, na segunda metade dos anos 1970, no contexto da abertura política pós-ditadura. **A chave do surgimento desses grupos reside na visibilidade pública para combater preconceitos e formas de exclusão, muitas vezes associados aos discursos médico, legal e religioso, bem como na busca da igualdade de direitos em uma sociedade marcada pela universalização dos valores do homem euro-norte-americano, adulto, heterossexual e branco.** (LOPES, p. 379, grifo nosso)

A necessidade de aparecer da Jacira, não apenas satisfaz esse seu único objetivo, como nos diz Caio, como também satisfaz o interesse da sociedade em geral pelas particularidades sexuais dos seus componentes, inclusive entre os homossexuais (é bastante comum, num encontro entre dois homens que se sentem mutuamente atraídos, que se faça a pergunta sobre a preferência do papel a ser desempenhado durando o intercurso sexual. Menos comum é que os heterossexuais perguntem a um homossexual se ele é **ativo** ou **passivo**, mas também ocorre).

A Jacira, inserida na estética *camp*, termo que

remete à feição, ou seja, ao homossexual espalhafatoso e afetado, ao transformista que dubla cantores conhecidos, tão presentes em boates e programas de auditório, não só como clichê criticado por vários ativistas e recusado no próprio meio gay, quando se deseja firmar talvez um novo estereótipo ou, pelo menos, uma imagem mais masculinizada de homens gays, mas como uma base para pensar uma política sustentada na alegria e no humor, como alternativa ao ódio e ao ressentimento. Por meio do humor, trata-se de uma estratégia do diálogo e da

fluidez, não do isolamento e da marcação de identidades rígidas e bem definidas. (LOPES, p. 385)

Em meados do século XX¹¹ a homossexualidade deixa de ser doença todavia, como estamos inseridos numa sociedade que é um misto de futurismo tecnológico com mentalidade medieval¹², na qual a maioria das pessoas acredita naquilo que lê, sem qualquer preocupação reflexiva com o contexto histórico, muito do imaginário social sobre o homem gay ainda o categoriza como sendo um desvio perverso da norma. Tal imaginário reflete-se diretamente no segundo arquétipo mostrado por Caio: a Telma, que nada mais é que o gay enrustido, consciente ou não de sua condição homossexual.

Bem menos luminosa e sem graça que a Jacira é: a Telma. Seu nome provavelmente originou-se daquela versão que Ney Matogrosso cantava: “Telma eu não sou gay o que falam de mim são maldades”, algo assim. Ao contrário da Jacira, a Telma é infelicíssima. Ela bebe. Bebe para esquecer que poderia ser homossexual. O problema é que, exatamente quando bebe, mais exatamente ainda depois do terceiro ou quarto uísque, é que a Telma transforma-se, em homo. Embriagada, Telma ataca. E dramaticamente, na manhã seguinte, não lembra de nada. Aquela Jane Fonda de *The Morning After*¹³ perde. Embora a Telma fique muito erotizada em estado etílico, ela sempre nega que é, negará até a morte. A única solução para uma Telma empedernida seria a psicanálise (que ela, a mais doente, acha que não precisa) ou parar de beber. O que, por tabela, significaria parar de trepar. Pobres Telmas – categoria da qual países como o Brasil (vide academias de ginástica, futebol, chopadas com o pessoal da repartição, etc.) está cheio. (ABREU, 1991).

No contexto de um regime epistêmico de uma heteronormatividade pressuposta, que produz e reifica categorias ontológicas, desmascarado pela Telma, encontramos uma profunda crítica ao comportamento hipócrita da sociedade. A Telma **posa** de hetero, ou para satisfazer as expectativas de tal regime; ou por medo de um confronto com sua verdade interior — que é totalmente negada na vida cotidiana, e só revelada no momento do intercurso sexual que, muitas vezes, assume mais a aparência e/ou provoca

¹¹ Até a “[...] segunda metade do século XIX, a homossexualidade é aprisionada como doença, crime e pecado. Emerge um pânico homossexual reafirmado por uma rígida distinção entre amor e amizade e um controle feroz em instituições em que há a presença exclusiva de pessoas de um sexo. O homossexual se transforma no anormal, no monstro”. (LOPES, p. 390)

¹² Vide a influência nefasta que a proliferação de religiões e cultos fundamentalistas exerce sobre a mentalidade e sobre o discurso das pessoas.

¹³ *A Manhã Seguinte*.

a sensação de estupro no leitor/espectador, como na antológica cena de *O Segredo de Brokeback Mountain* e no conto *Sargento Garcia*.

A cabeça desapareceu. A porta fechou. Sentei na cama, as mãos nos bolsos. Ele foi chegando muito perto. O volume esticando a calça, bem perto do meu rosto. O cheiro: cigarro, suor, bosta de cavalo. Ele enfiou a mão pela gola da minha camisa, deslizou os dedos, beliscou o mamilo. Estremeci. Gozo, nojo ou medo, não saberia. Os olhos dele se contraíram.

— Tira a roupa.

Joguei as peças, uma por uma, sobre o assoalho sujo. Deitei de costas. Fechei os olhos. Ardiam, como se tivesse acordado de manhã muito cedo. Então um corpo pesado caiu sobre o meu e uma boca molhada, uma boca funda feito poço, uma língua ágil lambeu meu pescoço, entrou no ouvido, enfiou-se pela minha boca, um choque seco de dentes, ferro contra ferro, enquanto dedos hábeis desciam por minhas virilhas inventando um caminho novo. Então que culpa tenho eu se até o pranto que chorei se foi por ti não sei — a voz de Isadora vinha de longe, como se saísse de dentro de um aquário, Isadora afogada, a maquiagem derretida colorindo a água, a voz aguda misturada aos gemidos, metendo-se entre aquele bafo morno, cigarro, suor, bosta de cavalo, que agora comandava meus movimentos, virando-me de bruços sobre a cama.

O cheiro azedo dos lençóis, senti, quantos corpos teriam passado por ali, e de quem, pensei. Tranquei a respiração. Os olhos abertos, a trama grossa do tecido. Com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. Punhal em brasa, farpa, lança afiada. Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Ele empurrou, gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida, há muitos anos, uma caverna secreta. Mordeu minha nuca. Com um movimento brusco do corpo, procurei jogá-lo para fora de mim.

— Seu puto — ele gemeu. — Veadinho sujo. Bichinha louca.

Agarrei o travesseiro com as duas mãos, e num arranco consegui deitar novamente de costas. Minha cara roçou contra a barba dele. Tornei a ouvir a voz de Isadora que mais me podes dar que mais me tens a dar a marca de uma nova dor. Molhada, nervosa, a língua voltou a entrar no meu ouvido. As mãos agarraram minha cintura. Comprimi o corpo inteiro contra o meu. Eu podia sentir os pêlos molhados do peito dele melando a minha pele. Quis empurrá-lo outra vez, mas entre o pensamento e o gesto ele juntou-se ainda mais a mim, e depois um gemido mais fundo, e depois um estremecimento no corpo inteiro, e depois um líquido grosso morno viscoso espalhou-se pela minha barriga. Ele soltou o corpo. Como um saco de areia úmida jogado sobre mim. (ABREU, 1988, p. 38-9)

O maior problema da Telma não está em seu comportamento escuso, tampouco na afirmação do superego, mas na repetição da *praxis* heterossexual, que inclui piadinhas preconceituosas e até mesmo agressão física. Assim, se faz necessário um

[...] repensar a homosociabilidade masculina (em lugares como bares, jogos, escolas, internatos, forças armadas) não só como forma homofóbica (Sedgwick, 1985), em que a masculinidade é reafirmada pela violência, e compreender formas mais sutis de afetividade, que não se encaixam numa atitude confrontacional ativista de fortalecimento de uma identidade homossexual visível publicamente. Para tanto pensei no termo homoafetividade, para discutir no mesmo espaço quaisquer relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo, desconstruindo a polaridade criada no século passado entre homossexualidade e heterossexualidade e alargando o conceito de homoerotismo, resgatado entre nós por Jurandir Freire Costa. A relação entre ética e afetividade não nega a questão do mercado, mas a desloca oferecendo uma alternativa estética e política num mundo em que os discursos de contestação rapidamente se banalizam. (LOPES, p. 388)

Esse repensar a realidade homosocial requer uma autoanálise dos *gays* sobre o próprio comportamento. Tenho consciência de que talvez esteja repetindo uma prática discursiva homofóbica repressora ao afirmar que acredito que os próprios *gays* podem ajudar numa aceitação mais ampla por parte da sociedade, se interromperem alguns comportamentos inadequados, como “fechar” para chocar o entorno (como a atitude daqueles homossexuais que dizem “sou viado mesmo, escandaloso e dou na cara de quem demonstrar que não gostou” — talvez por necessidade de autodefesa), “fazer linha banheirão” (refiro-me aqui às práticas homoeróticas que ocorrem em banheiros públicos, de praças, shoppings e terminais de ônibus, que são alguns dos espaços heterotópicos roubados à hegemonia heteronormativa) e parar de “caçar” (e “mexer” com) caras que visivelmente não estão interessados.

Em seguida, no texto, Caio nos apresenta à terceira irmã, a Irma:

Menos trágica, mas ainda mais complexa é a terceira irmã: a Irma. As Irmas não são exatamente infelizes – pelo menos, não tanto quanto as Telmas -, embora bem menos felizes que as Jaciras – que aparentam ser e realmente são felicíssimas. Irma é toda aquela que todo mundo jura que é, incluindo a mãe, a irmã e a esposa (Irmas casam muito) – mas ela mesma não sabe que é. Não sabe ou finge que não. A Irma dá quase tanta pinta como a Jacira, adora todo o folclore gay, de Carmem Miranda a show de travesti, passando por concurso de miss, Mae West, leopardos, James Dean e Marilyn Monroe. Estranhamente, não “faz”. Quando solteira, ninguém poderá afirmar

– muito menos provar – que já fez sexo com uma Irma. Ou se fez, não prestou muito, pois há quem diga que Irmas costumam ser mal-dotadas, impotentes, dessas assim. Pode ser. A verdade é, quando casadas, as esposas das Irmas raramente exibem ar muito satisfeito. Sexualmente satisfeito. Irmas costumam ser afáveis – ao contrário das problemáticas Telmas, introvertidas e depressivas. Adoram Jaciras, apesar destas gostarem de chamá-las, sobretudo em público e aos gritos, de “queridas”. É que toda Jacira sabe – ou supõe – que no fundo toda Irma é tão Jacira quanto ela. Mas como as Telmas, Irmas fogem de definições. E ao contrário das Telmas, muito pecadoras, podem até morrer sem se atreverem a provar os prazeres do – para citar uma Jacira clássica – amor que não ousa dizer seu próprio etc. (ABREU, 1991)

A primeira coisa que me vem à cabeça, ao ler a descrição da Irma, é um pensamento insistente do imaginário social e que, em certo sentido, não passa de pré-julgamento: —Tudo que parece, é. Nada mais irreal que isso, visto que as fronteiras entre universo feminino e universo masculino são muito tênues, apesar do construto sociofamiliar de identidade sexual. Pode ser, sob um ponto de vista psicanalítico, que a Irma não seja de fato um *gay*, mas tão somente um homem que tem seu universo feminino mais trabalhado e desenvolvido que o masculino.

[...] os conceitos de masculino e feminino na cultura muitas vezes contribuem para um desenvolvimento homossexual; um menino delicado, miúdo, não agressivo, com inclinações artísticas, pode ser levado pelo ambiente a formar em si mesmo uma auto imagem feminina, isto é, uma auto imagem coincidente com a do sexo oposto ao seu. Deste modo, o desempenho destes “papéis” masculinos pelos homens ou femininos pelas mulheres estão ligados a exigências pré concebidas [sic] pela cultura a qual pertence o sujeito; se, por sua constituição física, aptidões ou atitudes o sujeito não age de acordo com o esperado para seu próprio sexo, o ambiente, a cultura, já o faz sentir-se diferente, como um menino “afeminado”, levando muitas vezes a assumir comportamentos do sexo oposto, inclusive o que se relaciona a comportamento sexual. (SBARDELINI FILHO, 1979, f. 10)

Caio nos alerta para a realidade da insatisfação sexual das esposas das Irmas, brincando com o fato de que existe, no imaginário, uma concepção de mal dotação das “bichinhas”, categoria na qual a Irma se inclui. O problema que aqui se apresenta é de outra natureza. Não é o pequeno tamanho do “dote” que impede a satisfação sexual das esposas, e sim a falta de consciência da Irma, que não se percebe como homossexual, faz sexo com alguém que não a satisfaz e, por conseguinte, provoca a insatisfação da esposa. Ou seja, não há química suficiente.

Muitas vezes, quando a Irma se descobre como homossexual, ou está na iminência de descobri-lo, entra numa *trip* desesperada de autoafirmação, consumindo corpos femininos como um fumante inveterado consome seus cigarros. Essa necessidade pode ser resultado de repetição, durante toda a vida, de práticas e discursos heterossexistas, o que impede a Irma de tomar a necessária consciência de que não será menos homem por gostar de outro homem.

Inicialmente limitada a essas três, a lenda recentemente incluiu a existência de uma quarta irmã: a Irene. Tão assumida quanto a Jacira, ao contrário desta, a Irene não dá pinta. Ela é, sabe que é, mas não exhibe nem constrange. Pode até usar brinquinho na orelha, dar alguma rabanada menos comedida, ou mesmo – de brincadeira – referir-se a si mesma ou a alguma amiga no feminino. Mas a Irene é tranqüila. Geralmente analisada, culta, bom nível social, numa palavra – Irene parece serena em relação à própria sexualidade. Que é diversificada. Podem ter longos casos, morar junto, ou vivenciarem certas idiossincrasias eróticas. Só gostarem de working class, por exemplo, ou de adolescentes, choferes de táxi ou estudantes de Física. Ou de Irenes como elas: são as Irenes lésbicas, bastante comuns e conhecidas. Literalmente, como gays. Telmas e Irmas escondem tudo da família, vizinhos e colegas, embora a Irma praticamente não tenha nada a esconder. Jaciras não escondem coisa alguma, explicitérrimas. Irenes deixam no ar: se alguém perceber, que perceba. Educação é básico para elas. Serenamente educadas, pois, às vezes até casam. Com mulheres. (ABREU, 1991)

A Irene enquadra-se no perfil do homossexual bem comportado de classe média, integrado à sociedade conservadora em que vivemos; “bem aceito”, tem amigos heterossexuais, já que aparenta ser “homem”, o que não levantaria dúvidas suspeitas sobre a sexualidade do amigo hetero. Esses *gays* bem resolvidos terminam também por repetir alguns dos discursos e práticas sociais vigentes, o que demonstra a existência de um problema talvez mais grave que a falta de autopercepção das Irmas, a falta de educação das Jaciras ou mesmo a paranóia que as Telmas têm em ser descobertas. As Irenes simplesmente não se importam se as pessoas percebem ou não sua condição homossexual. Por um lado, são pessoas bem resolvidas, com a sabedoria da consciência de que o ser humano não é o que o outro faz dele, mas sim que a realidade do ser corresponde à verdade interior mais elementar; sob outro ponto de vista, parece haver um certo desprezo pelo pensamento alheio, ou seja, às Irenes absolutamente não interessa o que os outros pensam delas, ou como as veem. Essa “espécie” de autosuficiência das Irenes provoca uma espécie de mal estar no mundo *gay*, do mesmo

modo que, no mundo hetero, as pessoas se importam, sobretudo, com aquelas que não se importam com nada.

Caio se encaminha para o fim de sua crônica falando das relações turbulentas entre os tipos de *gay*. As relações entre as quatro são tão turbulentas quanto quaisquer relações no meio social pós-moderno no qual estamos inseridos.

Entre as quatro, desgraçadamente, as relações são turbulentas. Jaciras, por exemplo, adoram seduzir Telmas. Estas (quando sóbrias, claro) têm medo pânico de Jaciras. Irenes, por sua vez, nutrem uma espécie de carinho apiedado pelas desventuradas Telmas – e isso até pode resultar numa ardente noite de paixão entre ambas. Da qual naturalmente a Telma jamais lembrará, embora tenha feito horrores. O grande risco que toda Irene corre é apaixonar-se por uma Telma: comerá o pão que o diabo amassou, até entrar noutra. Com a Irma, de quem Irene também gosta, o risco não é tão grave: Irenes sabem que com Irmas não rola. E pode assim transformar tudo numa aparentemente saudável “amizade viril”: as duas fingindo, para usar a terminologia antiga, que são bofes. Há quem creia.

Jaciras não simpatizam muito com Irenes, acham-nas “metidas”. A recíproca também é verdadeira. Irenes acham Jaciras pintosas demais, apesar de divertidas, folclóricas. E inconvenientes. E com a imperdoável mania de roubar namorados alheios. Irenes adoram namorar, pegar na mão, ir ao cinema, comer pizza, fim de semana em Ilhabela, ver TV – tudo isso together. Já Telmas e Irenes, entre si, são hostis. Talvez uma tema o julgamento da outra, vai saber. Irmas, no entanto, às vezes podem ceder aos insistentes encantos das Jaciras. Existem mesmo certas Irmas que algumas Jaciras – para ódio das Irenes – juram já ter feito. Jaciras, por sua vez, não raramente invejam Irenes, que sempre aparentam certa prosperidade (ao contrário das Telmas, com um côzezinho decadente). Irenes mais neuróticas gostariam, de vez em quando, de serem confundidas com Irmas. E Telmas costumam sentir cegos, súbitos impulsos de desvendar suas almas abissais para os ouvidos compreensivos e ombros amigos das Irenes. Na verdade, Telmas, Irenes e Jaciras invejam um pouco aquela impressão (nem sempre verdadeira) de pureza que toda Irma passa. Assim como se estivesse por fora de qualquer grupo de risco. (ABREU, 1991)

Sem se omitir, Caio fala de sua realidade mais visceral e imediata: a Aids. Como podemos comprovar pela sua correspondência.

Voltei da Europa em junho me sentindo doente. Febres, suores, perda de peso, manchas na pele. Procurei um médico e, à revelia dele, fiz O Teste. Aquele. Depois de uma semana de espera agoniada, o resultado: HIV Positivo. O médico viajara para Jokorama, Japão. O teste na mão, fiquei três dias bem natural, comunicado à família,

aos amigos. Na terceira noite, amigos em casa, me sentindo seguro – enlouqueci. Não sei detalhes. Por autoproteção, talvez, não lembro. Fui levado para o pronto Socorro do Hospital Emílio Ribas com suspeita de um tumor no cérebro.

Sei também que, para os outros esse vírus de science fiction só dá em gente maldita. Para esse, lembra Cazuzu: "Vamos pedir piedade, Senhor, piedade para essa gente careta e covarde". Mas para você, revelo humilde: o que importa é a Senhora Dona Vida, coberta de ouro e prata e sangue e musgo do tempo e creme Chantilly às vezes e confetes de algum carnaval, descobrindo pouco a pouco seu rosto horrendo e deslumbrante. Precisamos suportar. E beijá-la na boca. De alguma forma absurda, nunca estive tão bem. (ABREU, 1996, p. 99)

Como não poderia deixar de ser, na crônica escrita em 1991, já perto do fim, ele incluiu o discurso em torno da Aids, numa perspectiva menos densa, mais leve e bem humorada. Temos aqui uma crítica ao comportamento sexual do gueto *gay*. Nos idos do início da epidemia de Aids, quando Caio adquiriu o HIV, só se administrava aos pacientes uma monoterapia à base de AZT, com o passar dos anos e o desenvolvimento das pesquisas, chegou-se à *HAART - Highly Active Anti-Retroviral Therapy*, também conhecida como “coquetel”, e que permite aos pacientes de Aids levar uma vida perfeitamente normal. A Aids deixa de ser um prenúncio de uma morte dolorosamente próxima para se tornar uma doença quase tão comum como a gripe.

Com o risco de morte quase inexistente, modifica-se o comportamento sexual. As pessoas deixaram de se cuidar obsessivamente, como na época em que ter Aids significava estar condenado à morte, passando à despreocupação com a necessária prevenção. O grupo que mais preocupa é o dos jovens gays, que sabem que ter Aids não mata nos dias de hoje, bastando fazer o tratamento. Essa banalização do vírus e do tratamento é um fenômeno que prescinde de um certo tipo de experiência: só sabe como é viver com Aids quem vivencia essa experiência limite. Aqueles que se expõem ao vírus não sabem que a medicação requer em torno de quatro mil calorias a mais para funcionar direito, que ela tem efeitos colaterais — alguns deles nefastos para o organismo, afora todas as consequências relacionadas ao estado mental e emocional daqueles que vivem com Aids.

A propósito, já que abordamos este desagradável tema: embora aparentem ser as mais perigosas, no que se refere a riscos, e apesar de promíscuas (a promiscuidade está implícita na jacirice). Jaciras cuidam-se muito. Verdade que com camisinhas nacionais, daquelas que arrebetam na hora H, na primeira golfada. Irenes sempre carregam na frásqueira sortido estoque de poderosas camisinhas estrangeiras,

compradas em suas viagens. Com a idade tornam-se um tanto maníacas com higiene, meio obcecadas com safe sex. Certas Irenes não fazem há anos, vivem em permanente estado de nervos. Já as Irmas, como não fazem, ou quando fazem é tão escondido que ninguém sabe dizer como fazem, não se preocupam com isso. O problema, novamente, são as Telmas. Impulsivas e atormentadas, nunca estão prevenidas. Jamais podem prever quando passarão do quarto uísque ou da décima quinta cerveja, e isso normalmente acontece em horas que as farmácias estão fechadas. Telmas, portanto, não carregam camisinhas. Sequer as têm no banheiro, tamanha a negação. Enlouquecidas na cama (uma Telma vale por 100 Jaciras). Telmas fazem coisas que Madonna (ídolo das Jaciras) duvidaria. Essa representa outra secreta tortura mental das Telmas: como às vezes realmente não lembram do que fizeram (por lapso etílico), têm sempre o rabo preso e um medonho medo de serem positivas.

Irmas sempre são negativas. Ou aparentam ser. Acontecem surpresas, pois ser Irma não significa necessariamente ser casta. Irenes via de regra lidam bem com um teste positivo: espiritualizam-se, viram vegetarianas, zen-budistas, fazem ioga, procuram o Santo Daime ou Thomas Green Morton. Lêem muito Louise Hay, e até se recusam a tomar AZT. Jaciras muitas vezes negam-se decididamente a fazer O Teste: têm uma certeza irracional de que daria positivo. O que nem sempre é verdade, visto que nada mais forte que santo de Jacira. (ABREU, 1991)

Jaciras, Telmas, Irmas e Irenes não são identidades rigidamente marcadas, rotuladas, nem mesmo bem definidas. Isso quer dizer que a questão da identidade e, conseqüentemente, da identificação de tais arquétipos, não é uma classificação, sendo, antes de mais nada, uma experiência. “Ainda que seja imediata na percepção, a experiência traz uma história, uma verdade, não *a verdade*, que é sempre mediada por discursos sociais” (SCOTT¹⁴ *apud* LOPES, p. 387).

O encontro de dois homens pode ser apenas um encontro, mas também pode ser uma possibilidade de diálogo e abertura para o mundo, desafio maior de todo discurso minoritário, alguma vez discriminado. Esse é o motivo por que acho central ainda hoje assinar como crítico, gay. Não se trata apenas de considerar a homossexualidade como um adjetivo, mas de afirmar uma experiência substantiva que interliga vida cotidiana e prática intelectual. A experiência gay nada tem de redutora, classificadora, se assim o quisermos, é um mistério insondável, um ponto de partida, uma pergunta mais do que uma resposta. (LOPES, p. 393)

¹⁴ SCOTT, J. Experiência. In: SILVA, A. L. et al. (orgs.) *Falas de gênero*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 1999.

Conclusão

Concluimos esta análise destacando que sexualidade e gênero são "...construtos sociais moldados pela história e articulados juntamente com um complexo conjunto de relações sociais, institucionais e discursivas" (STAM, p. 289). A repetição desse conjunto de relações aparece tanto na maioria heterossexual quanto na minoria *gay*, isto é, não podemos afirmar categoricamente que apenas os heterossexuais são preconceituosos, pois os *gays* também o são, já que repetem e reafirmam alguns comportamentos do universo heterossexual, como piadas, preconceito contra *gays* afetados, travestis, transgêneros e lésbicas. Na verdade, o preconceito está no olhar limitado do próprio ser humano.

Uma das características mais presentes na obra de Caio diz respeito à criação de personagens anônimas. Normalmente os seres humanos que habitam suas histórias são designados através do uso de pronomes pessoais, ou então, pelo intermédio de formas altamente descritivas que identificam as pessoas pelo aspecto externo ou pelo comportamento, como no caso da crônica analisada. Os quatro irmãos despersonificam-se, abrindo mão de seus verdadeiros nomes ao adotar nomes femininos, num processo simbólico no qual

o transformismo constitui "a maneira mundana como os gêneros são apropriados, teatralizados, usados e construídos; isso significa que todo o processo de construção de gênero é um forma de personificação e aproximação". Sexualizando as formulações de Baudrillard sobre o simulacro, Butler acrescenta que o gênero é uma imitação "para a qual não há original; na verdade, é uma espécie de imitação que produz a própria noção do original como um efeito e uma consequência da própria imitação" (STAM, op. cit., p. 289-90)

Tal procedimento leva a um esvaziamento das identidades, o que não permite sua nomeação; esse esvaziamento tem origem na própria sociedade — os modos de convivência determinados funcionam como corrosivos dos processos de individualização. Por mais excêntricos que se apresentem os indivíduos, eles acabam por ser hegemonicamente massificados pelo *status quo*. Essa diluição no coletivo não impede a solidão e o abandono, já que as relações afetivas e sexuais entre homens, quase que na totalidade, são marcadas pela rapidez dos encontros, caracterizando-os como epifânicos — mesmo quando são encontros felizes. Essa rapidez não deve ser vista como a

afirmação do clichê da homossexualidade indelevelmente associada à promiscuidade masculina. Antes, deve ser pensada mais como uma alternativa de afetividade que extrapola a submissão aos modelos tradicionais da família monogâmica estável, heteronormativa. A composição do universo humano criado por Caio é composto de indivíduos solitários — verdadeiras “ilhas cercadas de gente por todos os lados”, porque a partir do momento que passam a pertencer ao gueto eles estão perdidos para a sociedade, sendo retirada deles qualquer possibilidade de recuperação dos laços com o social, seja este representado por amigos, amantes ou membros da família.

Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. Sargento Garcia. In: *Mel & Girassóis*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 26-41.

_____. *As quatro irmãs (Psico-antropologia fake)*. ago. 1991.

_____. Última carta para além dos muros. In: *Pequenas Epifanias*. Porto Alegre: Sulina, 1996. (Publicada primeiramente em sua coluna n’O Estado de S. Paulo, em 18/09/94.)

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Epifanias da homoafetividade ou o choque anafilático sofrido por Anthony Giddens ao ingerir Caio Fernando Abreu*. Bagoas, v.6, n. 02, p. 133-51, 2008.

DURAND, G. *A imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. v. 3 Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *História da Sexualidade*, 3 vols. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-79.

LOPES, Denílson. Cinema e Gênero. p. 379-94. In: MASCARELLO, F. (org.). *História do Cinema Mundial*. Campinas: Papyrus, 2006.

MASCARELLO, Fernando. (org.). *História do Cinema Mundial*. Campinas: Papyrus, 2006.

MORICONI, Italo (org.). *Caio Fernando Abreu: cartas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

NUNAN, A. *Homossexualidade. Do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

PRATA, Mário. *Onde andará Caio Fernando?* Disponível em:
http://www.marioprataonline.com.br/obra/cronicas/onde_andara_caio_fernando.htm

SBARDELINI FILHO, Eduíno. *Neuroticismo e homossexualismo masculino*. 1979. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1979. f. 1-22.

SCHEFFLER, Ismael. *Características do Sagrado nas propostas teatrais de Antonin Artaud e Jerzy Grotowski*. 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2004.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2003.